

Ante o Centenário

A 18 de Abril de 1957, a Codificação Kardequiana, sob a égide do Cristo de Deus, celebrará o seu primeiro centenário de valiosos serviços à Humanidade terrestre.

Um século de trabalho, de renovação e de luz...

Para contribuir nas homenagens ao memorável acontecimento, grafou André Luiz as páginas deste livro.

Escrevendo-o, nosso amigo desvelou uma nesga das regiões inferiores a que se projeta a consciência culpada, além do corpo físico, para definir a importância da existência carnal, como sendo verdadeiro favor da Divina Misericórdia, a fim de que nos adaptemos ao mecanismo da Justiça Indefectível.

É por isso que entretete os fios de suas considerações a narrativas entre a esfera dos Espíritos encarnados e os círculos de purgação, onde se demoram os companheiros desenfreados da carne, que se acumularam na delinquência, criando, pelos desvarios da própria conduta, o inferno exterior, que nada mais é que o reflexo de nós mesmos, quando, pelo relaxamento e pela crueldade, nos entregamos à prática de ações deprimentes, que nos constroem a temporária segregação nos resultados deploráveis de nossos próprios erros.

Von Liszt, eminente criminalista dos tempos modernos, observa que o Estado, em sua expressão de organismo superior, e excetuando-se, como é claro, os grupos criminosos que por vezes transitóriamente o arrastam a funestos abusos do poder, não prescindem da pena, a fim de sustentar a ordem jurídica. A neces-

cidade da conservação do próprio Estado justifica a pena. Com essa conclusão, apagam-se, quase que totalmente, as antigas controvérsias entre as teorias de direito penal, de vez que, nesse ou naquele clima de arregimentação política, a tendência a punir é conge-nial ao homem comum, à face da necessidade de man-ter, tanto quanto possível, a intangibilidade da ordem no plano coletivo.

André Luiz, contudo, faz-nos sentir que o Espiri-tismo revela uma concepção de justiça ainda mais ampla.

A criatura não se encontra simplesmente subordi-nada ao critério dos penólogos do mundo, categorizados à conta de cirurgiões eficientes no tratamento ou na extirpação da gangrena social. Quanto mais esclare-cida a criatura, tanto mais responsável, entregue natu-ralmente aos arestos da própria consciência, na Terra ou fora dela, toda vez que se envolve nos espinheiros da culpa.

Suas páginas, desse modo, guardam o objetivo de salientar que os princípios codificados por Allan Kar-dec abrem uma nova era para o espírito humano, compelindo-o à auscultação de si mesmo, no reajuste dos caminhos traçados por Jesus ao verdadeiro pro-gresso da alma, e explicam que o Espiritismo, por isso mesmo, é o disciplinador de nossa liberdade, não ape-nas para que tenhamos na Terra uma vida social dig-nificante, mas também para que mantenhamos, no campo do espírito, uma vida individual harmoniosa, devidamente ajustada aos impositivos da Vida Univer-sal Perfeita, consoante as normas de Eterna Justiça, elaboradas pelo supremo equilíbrio das Leis de Deus.

Eis porque, apresentando-as ao leitor amigo, reco-nhecemos nos postulados que abraçamos não sômente um santuário de consolações sublimes, mas também um templo de responsabilidades definidas, para consi-derar que a reencarnação é um estágio sagrado de recapitulação das nossas experiências e que a Doutrina Espírita, revivendo o Evangelho do Senhor, é facto resplendente na estrada evolutiva, ajudando-nos a re-

generar o próprio destino, para a edificação da felici-dade real.

Em síntese, demonstra-nos o Autor que as nossas possibilidades de hoje vinculam-nos às sombras de on-tem, exigindo-nos trabalho infatigável no bem, para a construção do Amanhã, sobre as bases redentoras do Cristo.

Exaltando, assim, os méritos inestimáveis da obra de Allan Kardec, saudamos-lhe, comovidamente, o aben-çoado centenário.

EMMANUEL

Pedro Leopoldo, 1 de Janeiro de 1957.

